



Revista Mal-estar E Subjetividade

ISSN: 1518-6148

malestar@unifor.br

Universidade de Fortaleza

Brasil

Reseña de "A comilança" de Marco Ferreri

Revista Mal-estar E Subjetividade, vol. 3, núm. 1, marzo, 2003, pp. 213 - 216

Universidade de Fortaleza

Fortaleza, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27130114>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Resenhas de filmes



Marco Ferreri

A comilança

La Grande Bouffe. ©1973 Mara Films – Les Films 66. Capitolina Produzioni Cinematografique. Brasil. Versátil. Home Vídeo. color, 130 min.

Chega ao Brasil um dos DVDs mais esperados para quem se interessa pelo estudo do consumo, aplicado à literalidade do corpo. Este filme me interessa pela simbologia que guarda com a Dietética e com a Psicanálise, duas pilastras que dão consistência às minhas pesquisas desenvolvidas desde 1996 e que se aprofundam dentro do LABIO – Laboratório sobre as novas formas de inscrições do objeto, da Universidade de Fortaleza – UNIFOR.

A Comilança põe em xeque o limite ao gozo, que sabemos ser a principal consequência das contravenções que o sujeito exerce por habitar o espaço da cultura, sem, no entanto, classificar o ato dos comensais como uma negação à castração, típica de uma nosologia perversa. Os personagens trabalham diretamente com a possibilidade da morte, nada menos que através dos elementos que indicam os dois atos mais comuns e mais revestidos de requinte dentro do espaço cultural: a comida e o sexo. Levam ao extremo essas duas facetas do humano que revestem, com o sentido e a linguagem, aquilo que os animais fazem pela esfera do instintual.

Fazem-no, tentando uma aproximação sutil e perigosa que toca a quebra de barreiras que separam a cultura da natureza, mostrando que, definitivamente, este interstício fica reservado ao espaço da morte, elo que do lado do humano, espanta a capacidade simbólica de sentido e, pelo lado animal, não há nada que mais alinhe os bichos ao homem.

O filme de Ferreri é um convite à análise das respostas dadas por nossa época ao mal-estar construído pelos avanços da ciência e da tecnologia, quando tenta turvar a barreira do religioso, elevando ao máximo aquilo que Georges Bataille nos apresenta, no conjunto de sua obra, como sendo a vivência do excesso. O Excesso é permitido, a partir do momento em que Michel Piccoli diz *To be or not to be!*, depois de receber um carro-frigorífico repleto de carnes e ao erguer uma cabeça de boi nos jardins da casa destinada por quatro amigos a ser a sede de um Seminário gastronômico. Esta expressão se modula dentro de uma frase lapidar daquilo a que me refiro como a barreira entre o animal e o cultural. A frase lapidar, *La Fête commence!*, foi confiada ao *mon commandant*. De fato, a festa, como um ritual de permissividade que vaga entre o lazer, o ócio e o sacrifício, expõe a própria vida à sua perecibilidade. Nesta cena, o homem e o animal - morto e decapitado - resumem o poder da existência. Ser ou não ser imanente, esta é a pergunta que parece percorrer toda a obra. O que vai aparecer é que o homem e o animal só podem ser imanentes na morte. É o que se constata no final do filme.

E a vida, sustentada pelo sexo e pela comida, toma nesses elementos também a via que, arrancada da cópula e do comer bestial, porta o dilema da cultura, sobretudo em nossa contemporaneidade, se pensamos a posição do sujeito frente ao objeto na condição de adito desesperado do consumo, como forma de diminuição do mal-estar.

Porém, o mais curioso é que, deflagrada a festa, o falante não consegue se livrar do pensamento, da linguagem, e dos laços que, nos movimentos primeiros do filme, expõem cada um dos quatro protagonistas. O piloto, Marcelo Mastroianni, terá seu destino selado, em uma máquina automobilística antiga; o cozinheiro, Ugo Tognazzi morrerá na cozinha comendo e praticando sexo; o homem de

televisão, Michel Piccoli, tomará a morte mais espetacular, esvaindo-se em merda e gangorreando sobre o parapeito da sacada dos jardins e, finalmente, o juiz, Phillippe Noiré, encontrará a morte entre dois seios gigantes transformados em uma espécie de *mousse* da erotização extremada

Ora, são esses os laços que os une à sociedade. O Juiz apresenta, em seu convívio doméstico, o ar de um homem infantil e preguiçoso, aferrado ao sono e à figura materna de uma dama, governanta de sua desordem libidinal, que, pela manhã cedo, mistura sexo, maternagem e cuidados higiênicos. O contraponto surge daquela maternal senhora quando faz jorrar o sexo sobre o cenário doméstico, representado magistralmente pela figura nutriz dos seios opulentos, que, na cena, sugere uma entrada para o incesto.

O piloto, acostumado a ser o comandante de suas atitudes lógicas e precisas, como se estivera desempenhando o comando de um vôo cruzeiro onde tudo está sob controle, depara-se com a impotência. Falha no ato sexual, quando ele mesmo havia sugerido ao grupo que a companhia de algumas damas da noite poderia tornar mais agradável este pequeno ensaio de ruptura com os limites da cultura. Entretanto, nos braços de uma professorinha das primeiras letras que a todos surpreende, o comandante perde-se entre o desejo e a vontade, restando-lhe a angústia e o contentamento com a máquina de sua realização. Uma prova inconteste de que ela lhe servia como uma espécie de bengala provedora de suas conquistas e limites existenciais.

O grande mestre da cozinha sela o clássico encontro da transubstanciação entre o alimento e o sexo, permeado pela mediação do amor. Enquanto se empapuça de comida, resgata uma ode quase comparável ao *Império dos sentidos*. Dor e satisfação talvez nunca se tenham aproximado tanto na tela, para mostrar o umbral entre o prazer e o desprazer que, dito de uma outra forma mais precisa, levaria o sujeito àquilo que chamamos, depois de Freud, de *Além do Princípio do Prazer*.

E o homem de televisão envia uma mensagem inquietante quando atravessa pela arte o portal da vida. Viver e morrer são dois lados de uma mesma moeda. Uma lição interessante quando se

procura identificar movimentos da pulsão de morte e o invólucro em que ela vem escondida. No final, *merda para todos!* Esse parece ser a finalidade de existir. Um Fim que se conjuga com a frase da chegada *To be or not To be!*

Entretanto, a vida continua em um grande movimento incessante. Mais carne, sugestiva de mais excesso e falta. E a dama, é ela quem fecha a casa depois de todos morrerem. A festa começa outra vez.

Henrique Figueiredo Carneiro
Professor Doutor do Mestrado em
Psicologia da Universidadde de Fortaleza
e-mail: henrique@unifor.br